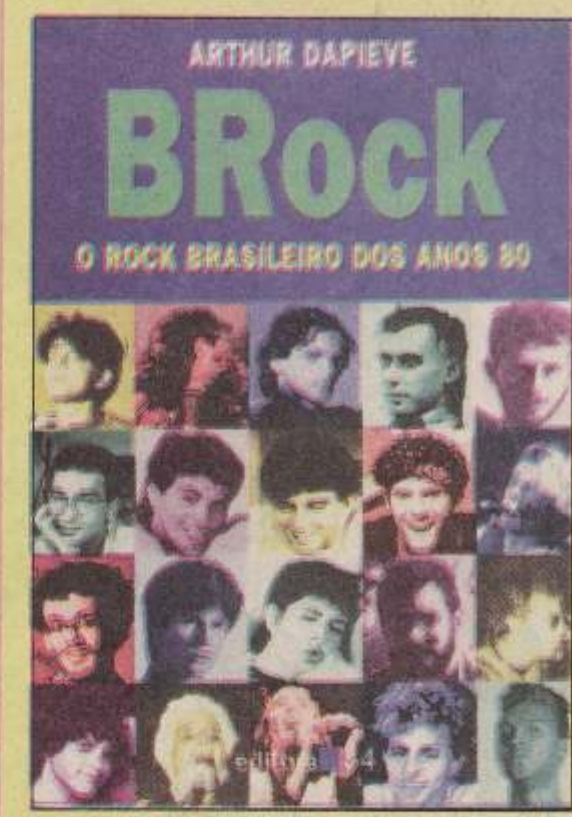


Caderno Dois



Em livro, a força do rock made in Brasil

FENÔMENO ROQUEIRO GANHA EDIÇÃO COM ANTECEDENTES E PERSPECTIVAS PARA OS 90

O rock-Brasil ganha com a edição do livro *Brock* — o rock brasileiro dos anos 80, de Arthur Dapieve, um mapeamento à altura de sua importância na história recente da música brasileira. A guitarra já se integrou definitivamente ao panorama da MPB e não provoca mais ondas de indignação. O rock made in Brasil mostrou a sua cara e se afirmou, nos anos 80. Agora, nos anos 90, a esperança é de que junte forças com a MPB e que, cada um a seu modo, acrescente inventividade e fôlego novo no caldeirão sonoro do Brasil mu-

sical. Dificuldades e barreiras não faltam, mas como fecha Dapieve o livro: "O que não nos mata nos torna mais fortes". É isso aí.

Brock — o rock brasileiro dos anos 80 é mais um lançamento da Coleção Ouvido Musical, da Editora 34, dirigida por Tárk de Souza. E Arthur Dapieve, na verdade, elabora um roteiro preciso e polêmico sobre o papel do rock brasileiro e seu desenvolvimento na década de 80. A partir de pesquisar suas origens no país e de traçar o mapa da mina, o autor investiga o fenômeno roqueiro pelas bandas de cá e ainda oferece dados biográficos e ainda revela aspectos dos bastidores do Brock.

Rita Lee disparou: "Roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido", mas o certo é que, durante muito tempo, muitos brasileiros, e

não só os roqueiros, tiveram cara de bandido, principalmente nos tempos da ditadura. E Dapieve abre justamente o livro abordando os maus antecedentes do rock. Marginalidade à parte, o filme "The blackboard jungle", de 1955 e com direção de Richard Brooks, trazia na trilha sonora nada mais nada menos que "Rock around the clock", com Bill Haley and His Comets. A música, de 1954, abriu alas para o rock nos Estados Unidos e acabou ganhando, no Brasil, uma versão de Nora Ney. Quem diria, uma cantora símbolo da dor-de-cotovelo lançava a primeira semente do rock no Brasil.

Dapieve aponta ainda o primeiro rock made in Brasil como sendo a música "Rock and roll em Copacabana", de Miguel Gustavo, e trazendo ninguém menos que Cauby

Peixoto, em 1957, um mito da era do rádio. De lá pra cá, muita água rolou e o jornalista afirma que o rock brasileiro mostrou a cara no início dos anos 80 e se firmaria na cena musical durante aquela década. Filho tardio do verão inglês de 1976, o verão do punk, o rock-Brasil teve que se virar para conquistar seu espaço. Mas, ao assumirem o inglês como língua oficial do rock, grupos como o Sepultura e o Viper, segundo Dapieve no livro, optaram pela vitoriosa carreira no exterior e acabaram levando muitas outras bandas à renúncia da liberdade conquistada por Cazuza, Renato Russo e Arnaldo Antunes, entre outros.

É mais uma das muitas polêmicas levantadas por Arthur Dapieve no livro e que só instigam, ainda mais, a leitura. (JS)

O bote da guitarra

BRASIL ACABA DE GANHAR EDIÇÃO DA REVISTA GUITAR PLAYER, A MAIS IMPORTANTE PUBLICAÇÃO SOBRE GUITARRISTAS NOS ESTADOS UNIDOS

JORGE SANGLARD
REPÓRTER

A guitarra é um ícone e um símbolo vivo da música. Ao longo do tempo, vem servindo estilisticamente para a afirmação de manifestações musicais que vão do blues ao rock, passando pelo jazz e por muito mais. Instrumento perfeito para a improvisação, a guitarra projetou cobras como Charlie Christian, Wes Montgomery, Joe Pass, Jim Hall, B. B. King, John Lee Hooker, Jimi Hendrix, Chuck Berry, Eric Clapton, Jimmy Page, John McLaughlin, Jimmy Page, Stanley Jordan, entre outras feras. Agora, os músicos brasileiros e os admiradores da guitarra no rock, no blues, no jazz, no pop, no reggae, no BRock e por aí fora ganham a edição Brasil da *Guitar Player*, a mais respeitada revista sobre guitarras e guitarristas dos Estados Unidos.

O primeiro número da *Guitar Player*/Brasil chegou às bancas em janeiro e o número dois acaba de sair tendo Joe Satriani na capa. O primeiro número traz como matéria de capa uma entrevista exclusiva, em São Paulo, com Steve Vai. E ainda um perfil do violonista brasileiro Laurindo Almeida (1917/1995), que morreu aos 77 anos em julho, nos Estados Unidos, onde estava radicado desde 1947; um perfil do bluesman angolano Nuno Mindelis; além de uma entrevista com Herbert Vianna sobre o prazer do guitarrista. Na verdade, a primeira edição brasileira é a realização de um sonho.

Um sonho que durou quatro longos anos, segundo o editor Ruy Pereira. O artigo abre-alas da revista revela o sonho de "trazer para o mercado editorial brasileiro todo o relacionamento dos grandes astros da guitarra com o seu público, toda a linguagem cifrada dos músicos entre si e toda a sofisticação gráfica da edição americana".

A revista promete ainda manter na edição brasileira a série de artigos didáticos (*Guitars Careers*) traduzidos por profissionais que buscam captar a essência da linguagem dos autores. E também as avaliações de lançamentos em CDs.

As ilustrações de Caribé asseguram à edição brasileira da *Guitar Player* a qualidade estética à altura da revista norte-americana. Enfim, a intenção de editar seriamente uma versão brasileira da revista está sendo confirmada nos dois primeiros números. Resta torcer para o sonho não acabar, ou para não se tornar um pesadelo ao não ser encontrada a revista na banca da esquina. Afinal, a edição norte-americana ainda é disputada nas bancas como artigo raro.

Com a importação facilitada de CDs, a música de guitarristas do jazz como Joe Pass, Jim Hall, Barney Kessel, Kenny Burrell, Herb Ellis, John Scofield, Bill Frisell, Larry Carlton, John McLaughlin, Al Di Meola, Pat Metheny, Ralph Towner, John Abercrombie e Charlie Byrd, entre outros, passa a constar dos acervos das lojas especializadas e, com isso, cresce o interesse pelas revistas sobre guitarras e guitarristas. Ao apostar nesta tendência, a edição brasileira da *Guitar Player* passa a oferecer uma alternativa de qualidade e de prestígio internacional aos músicos e admiradores da música no país.



No jazz, uma fonte criativa inesgotável



Entre os principais discos de guitarristas de jazz lançados no final de 1995 no mercado norte-americano, e disponíveis nas lojas especializadas em discos importados no país, se destacam os CDs: *Du Hot Club de Concord*, com The Charlie Byrd Quintet, *Lotus Blossom*, de Kenny Burrell, *After the rain*, de John McLaughlin, *Jazz Masters 41*, coletânea de Tal Farlow, *Poor Butterfly*, resgatando o duo Barney Kessel e Herb Ellis, *Groove Elation!*, de John Scofield, e *Dialogues*, de Jim Hall.

Em *Du Hot Club de Concord*, Charlie Byrd empunha um violão e se junta a Johnny Frigo (violino), Hendrik Meurkens (harmônica), Frank Vignola (violão) e a Michael Moore (baixo), numa gravação realizada em 29 e 30 de junho de 1995, no Giant Recording, em New York. No repertório, dois clássicos de Pixinguinha "Lamentos" e "Cariñoso", além de músicas como "Besame Mucho", de Consuelo Velasquez, "Moon River", de Henry Mancini, e "Cottontail", de Duke Ellington.

Charlie Byrd é um admirador da música brasileira e conquistou, em 1962, com a gravação do álbum *Jazz Samba*, ao lado do saxofonista Stan Getz (morto em junho de 1991), prestígio internacional pela introdução da *bossa nova* no mercado norte-americano. O disco foi um dos mais vendidos da história do

jazz e teve como trunfo "Desafinado", de Tom Jobim e Newton Mendonça.

Em *Lotus Blossom*, gravado entre 12 e 15 de junho de 1995, Kenny Burrell mergulha fundo em "Satin Doll", de Mercer, Strayhorn e Ellington, "Warm Valley", de Ellington, e "Lotus Blossom", de Strayhorn, além de "Minha" (All Mine), de Francis Hime, ao lado de Ray Drummond (baixo) e de Yoran Israel (bateria).

John McLaughlin, em *After the rain*, está ao lado do baterista Elvin Jones e do tecladista Joey DeFrancesco, em músicas de John Coltrane, Rogers e Hart, Carla Bley, Duke Ellington e apenas uma de sua autoria. Já o CD dedicado a Tal Farlow pela Verve, *Jazz Masters 41*, traz 16 preciosidades do jazz e acompanhado por algumas feras.

O encontro mágico de Barney Kessel e Herb Ellis, em *Poor Butterfly*, aconteceu em 1977, mas só agora a Concord lança em CD. O baixista Monty Budwig e o baterista Jake Hanna completaram o time de cobras. E, em *Groove Elation!*, o guitarrista John Scofield está acompanhado por Larry Goldings (órgão e piano), Dennis Irwin (baixo) e Idris Muhammad (bateria).

Em *Dialogues*, o guitarrista Jim Hall estabelece duetos instigantes com Bill Frisell, Gil Goldstein, Tom Harell, Joe Lovano e Mike Stern, tendo ainda o apoio do baixista Scott Colley e do baterista Andy Watson. O resultado é um disco de mestre.

Alguns dos cobras da guitarra no jazz têm CDs lançados e reafirmam a inventividade e a criatividade. Novos e velhos mestres da guitarra investem na articulação do jazz com o melhor da música, inclusive brasileira